

Cabelo ruim?

**Neusa
Baptista Pinto**

Ilustrações
Yasmin Mundaca

Manual do Professor

Daiane Cristina Pereira



© Daiane Cristina Pereira, 2021.

Editora

Elaine Caniato

Textos

Daiane Cristina Pereira

Capa e Diagramação

Elaine Caniato

Revisão

Doralice Jacomazi



Editora TantaTinta Ltda.

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

tantatinta.com.br - contato@tantatinta.com.br

SUMÁRIO

Carta ao Professor	4
1. Pré-leitura.....	10
Imagine as personagens	10
Cruzadas dos Cabelos	11
Apresentação do livro.....	14
2. Leitura	15
1ª etapa: Leitura dos capítulos “Conhecendo as meninas” e “O cabelo das meninas”	16
2ª etapa: “Como nasceu a amizade das meninas”, “Não entendi” e “O problema está dentro da cabeça”	19
3ª etapa: “As bonecas de Ritinha”, “Uma mulher negra na TV” e “Tatá e o cabelo crespo”	21
4ª etapa: “A amizade cresce e o cabelo aparece” e “Nem bom, nem ruim. Só diferente”	23
3. Pós-leitura	24
Superando o racismo e valorizando a identidade	24
Referências	28

Caro(a) professor(a),

Quero falar com você sobre um assunto muito importante para toda a sociedade, que tem mobilizado muitas rodas de conversa, debates, mas que algumas pessoas ainda não conhecem profundamente ou não possuem ferramentas adequadas para abordá-lo: o racismo. Além disso, quero destacar a importância de um livro como *Cabelo ruim?* para os seus alunos, na constituição de suas identidades e na busca da erradicação do preconceito racial, para que eles possam ser pessoas mais abertas aos outros e que respeitem as diferenças. Então, vamos lá!

No Brasil, vive-se por muito tempo com o mito de que há harmonia entre os povos, de que índios, negros e brancos, as raças que pretensamente formaram a nossa população, não estão em conflito, e que não há predominância de um sobre os outros, nos sentidos cultural, político, social e econômico, assim como não existe racismo. Viveríamos, assim, numa democracia racial.

No mundo todo, também há pessoas que negam o racismo e as situações de agressão e humilhação por que passa o povo negro, afirmando que não existem negros ou brancos, mas somente a humanidade. Essa perspectiva é desumana porque objetiva minimizar a dor e a tristeza sentidas por esse povo, como se suas experiências ou histórias não fossem verdadeiras, nem que devessem ser consideradas.

Ambas as posições sobre o racismo, a democracia racial ou a inexistência dele, estão bem longe da realidade, visto que recentemente diversos eventos mostram que ele existe e é preocupante, pois, além de afetar todos os âmbitos da vida dos negros, tem ocasionado mortes. Na esfera mundial, chamou-nos a atenção o caso de George Floyd, asfixiado e morto por policiais, na cidade de Minneapolis (EUA), que culminou no movimento *Blacks lives matter* [Vidas negras importam], que questionava as ações violentas da polícia contra pessoas negras, assim como todas as outras situações de racismo por que passam, como a criminalização de suas atitudes, o questionamento de suas roupas, músicas, cabelos, entre outros.

Já no Brasil, se registram de maneira crescente a agressão e morte de pessoas negras, como os casos de Evaldo Santos Rosa, morto por homens do exército no Rio de Janeiro, com a justificativa de que ele teria sido confundido com um bandido; João Alberto Silveira Freitas, espancado e morto por seguranças em um grande supermercado de Porto Alegre; além das crianças Jennifer, Kuan, Kauã, Kauê, Ágatha, Kethellen, todas

elas negras, mortas por balas vindas dos confrontos entre policiais e traficantes nas comunidades do Rio de Janeiro, desde o ano de 2007. O caso mais emblemático é o da morte da vereadora carioca Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes. Mulher negra, lésbica e da periferia, Marielle possivelmente foi emboscada por defender os direitos das pessoas negras e dos moradores das favelas do Rio.

Outro fato a ser destacado sobre o racismo é que ele afeta principalmente as mulheres negras. Dados do Ipea (2011, p. 29) demonstram que 17,1% das mulheres estão em trabalhos domésticos e que 12,6% destas são brancas, enquanto 21,8% são negras. Enquanto um homem branco ganhava cerca de R\$ 1.491,00, no ano de 2009, as mulheres negras recebiam em média R\$ 544,00, no mesmo ano.

Dados do *Mapa da Violência 2015* apontam que se a taxa de homicídio de mulheres brancas “caiu de 3,6 por 100 mil em 2003 para 3,2 em 2013, a de mulheres negras aumentou de 4,5 para 5,4 por cada 100 mil habitantes no mesmo período, ou seja, um crescimento de 19,5 (BARBOSA, 2020). Outros dados assustadores, vindos do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* de 2019, mostram que 81,8% das vítimas de violência sexual eram mulheres e 53,8% eram menores de treze anos. Entre os números de vítimas de abuso sexual, 50,9% eram mulheres negras.

Como se pode ver, além da questão do racismo em si, nossas alunas negras são atingidas por problemas ligados à questão de gênero, à pobreza, à violência sexual, chegando à morte, e que incidem diretamente sobre seus corpos, percebidos pelos modos como se comportam, se movimentam, se expressam e se vestem, mas também em seus cabelos. Dessa forma, é preciso garantir direitos que deem dignidade aos alunos negros, mas principalmente às meninas, a fim de que se sintam mais empoderadas e que enfrentem com vigor os problemas que a sociedade lhes impõe.

Conforme Antônio Candido (2011, p. 182) afirmou, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Nesse sentido, com sua função humanizadora, a literatura nos permite, por meio dela, modificar a realidade, reconhecer nossa identidade, a nós mesmos e a nossos semelhantes. Dessa forma, ela pode auxiliar na função de dirimir preconceitos, como o racismo, a reconhecer as diferenças, encontrando aspectos em si e nos outros que constituam a sua identidade. Nas palavras de Rildo Cosson (2009, p. 17):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos

incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. Por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Assim, é possível afirmar que a literatura pode contribuir para a quebra dos alicerces do preconceito e possibilitar que os alunos não negros identifiquem o racismo e percebam o quanto ele é negativo para a sociedade, bem como permitir aos alunos negros terem uma visão mais próxima da realidade, de sua identidade, história e ancestralidade.

Nesse sentido, a Lei 10.639/03, que modificou o artigo 26 da LDB, instituindo o ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio, favoreceu o cenário do debate viabilizando o avanço das discussões. Ela não solucionou o problema, mas contribuiu para alavancar a luta negra porque vem promovendo, desde sua promulgação em 2003, o debate sobre as questões étnico-raciais em sala de aula e na sociedade. Também facilitou aos brasileiros o acesso à história e à cultura afro-brasileiras, e aqueceu o mercado editorial, que passou a produzir uma maior quantidade de material sobre os negros ou voltado a eles.

Vários estudos demonstram que, principalmente na Literatura Infantil, os livros eram protagonizados por um número infinito de personagens brancas, príncipes, princesas, reis, rainhas... europeus e brancos, enquanto quase não havia personagens negros. Quando eles apareciam, era em posições subalternas ou depreciativas, caracterizados como burros, sujeitos, desobedientes, desleixados e sexualizados.

A reação dos Movimentos Negros e a reivindicação da população negra nas mídias sociais, que acabaram por gerar a Lei 10.639/03, e também uma nova percepção sobre os negros, possibilitaram o surgimento de outra perspectiva, inserindo uma maior quantidade de personagens e protagonistas negros na Literatura Brasileira e Infantil, discutindo as situações de racismo, identidade histórica e cultural negra. Se antes havia um reforço dos modelos e propostas eurocêntricas, agora tem-se margem para uma nova gama de personagens e discussões em sala de aula, que dá uma visão positiva das características étnico-raciais dos alunos, incluindo os indígenas.

O livro *Cabelo ruim?* se insere nessa nova perspectiva. Com linguagem clara e atrativa, Neusa Baptista Pinto trata de maneira descontraída temas complicados, como o racismo, a aceitação da própria beleza, a reafirmação da própria identidade e o reconhecimento da diversidade, além de reforçar as redes de apoio, baseadas na amizade, possibilitando o enfrentamento das desigualdades. A obra apresenta as meninas negras Bia, Tatá e Ritinha que, após uma situação de preconceito, passam a repensar a sua relação com seus corpos e sua identidade negra, através de seus cabelos. Mais do que afirmar a força do cabelo afro como forma de resistência, e isso o livro faz perfeitamente, mostra como ele torna as meninas únicas em suas diferenças, através da frase: “Meu cabelo não é ruim, nem bom. Só é diferente do seu...” (PINTO, 2020, p. 30).

Dessa maneira, o livro trata do preconceito que reflete violentamente sobre os corpos das pessoas negras, mas também sobre o seu psicológico. Como ressalta Ana Célia Silva (2005, p. 26), o preconceito racial incide sobre o psiquismo da criança negra, provocando o desinteresse, a repetência e a evasão escolar. Assim, faz-se necessário eliminar esse preconceito, e o livro *Cabelo ruim?* ajuda a combatê-lo no cerne da questão, naquilo que fere o mais íntimo do aluno, e o instrumentaliza a enfrentar as doloridas situações, bem como o empodera através de um reforço positivo de sua identidade.

Para realizar um bom trabalho sobre o assunto, é necessário que o professor tenha sensibilidade para reconhecer onde e como existem manifestações de racismo, se reconecte com sua própria identidade e respeite o outro. Essa observação se justifica pelo fato de pesquisadores do racismo dentro de escolas reconhecerem, assim como a própria Neusa Baptista Pinto (2011), que há, em alguns casos, dificuldade por parte dos professores em admitir a existência do preconceito racial na escola ou na sociedade.

Sendo assim, proponho que antes de iniciar a atividade com *Cabelo ruim?* você se faça alguns questionamentos, justamente porque a reflexão e a resolução da problemática do racismo devem começar por nós, professores. São eles:

1. Quem sou eu? Como eu me identifico? Como eu sou? Quais são minhas origens? Como me coloco ante os outros ou a minha comunidade?
2. O que estou fazendo para mudar o mundo? Estou fazendo algo para torná-lo mais igualitário para todos, independentemente de gênero, raça, credo ou lugar de origem?
3. De alguma forma, mesmo sem querer ou perceber, eu estou reproduzindo palavras ou atitudes racistas, ou então, estou me calando diante delas?

Você pode responder a essas perguntas mentalmente, mas sugiro que você escreva as repostas, para que possa pensar em sua prática pedagógica sobre o que concerne à questão racial, retomando-as sempre que precisar, para verificar se suas posições mudaram, se tem algo que você ainda não mudou, se tem algo para mudar, etc. Além disso, proponho que escolha um dentre os materiais abaixo, pois acredito que eles nos alertam sobre o racismo que subjaz na sociedade, assim como as atitudes racistas que acontecem cotidianamente sob nossos olhos e não percebemos:

Nome: AmarElo – É tudo para ontem (Documentário)

Duração: 89 (Brasil)

Direção: Fred Ouro Preto

Elenco: Emicida

Ano: 2020 Disponível na Netflix

O documentário protagonizado pelo rap Emicida faz um passeio pelas suas origens, pela história do negro no Brasil e dos personagens negros que fizeram a história deste país, ao mesmo tempo que grava o seu show, de mesmo nome, no Teatro Municipal, em São Paulo. No filme é possível ver que para superar o racismo é importante reconhecer a importância do povo negro para o Brasil, mas, para além disso, é necessário estabelecer redes de apoio, de convivência e aceitação para que o preconceito de qualquer tipo seja enfrentado.

Nome: Olhos azuis

Duração: 90min. (EUA)

Direção: Bertram Verhaag

Elenco: Jane Elliot

Ano: 1996 Disponível no YouTube

Nesse filme a professora aposentada Jane Elliot realiza seu controverso workshop sobre racismo com adultos em diversas cidades dos Estados Unidos, dividindo a sala entre aqueles que têm olhos azuis e olhos castanhos. Com os primeiros são reproduzidas as atitudes racistas a que sobrevivem os negros. Ela os submetem a xingamentos, não permite que outros alunos se comuniquem com eles e até os submetem a um bizarro teste de Q.I. Isso tudo não seria um problema, se a professora não tivesse submetido seus alunos da 3ª série ao mesmo teste, no ano de 1968. Apesar das implicações éticas que envolvem o workshop e sua aplicação a crianças, além das consequências catastróficas que ele teve na vida da professora, o filme serve para que se possa colocar no lugar do outro, reconhecer que o racismo é abusivo, violento e que deve ser combatido.

Selecionei também, para quem gosta de ler, uma dissertação de mestrado e um livro de literatura. A dissertação, intitulada *A identidade da menina negra: o mundo do faz de conta* (2006), de Roseli Figueiredo Martins, através da Literatura Infantil, mostra como as meninas negras não se identificam como tal, justamente porque a sociedade brasileira ainda vive sob padrões eurocêntricos e não consegue reconhecer o racismo. Além disso, apresenta como o negro introjeta padrões brancos por meio da Literatura, justamente porque a maioria dos personagens são brancos, tidos como delicados, bonitos, inteligentes e dignos de amor, enquanto aos negros só restam as categorias negativas. A autora mostra como isso interfere na subjetividade das meninas, não permitindo que elas desenvolvam completamente suas potencialidades, bem como a sua identidade, além de não acreditarem que podem ser alvo de atenção e amor.

O livro literário que indico é *Esse cabelo* (2017), da escritora angolana Djaimilia Pereira de Almeida, que discute de forma leve e descontraída os temas da identidade, do feminismo e do racismo. Conta a história de Mila, que em suas andanças por Lisboa, para encontrar um salão que cuide de seus cabelos crespos, revisita sua história, as de Portugal e Angola, sua identidade, sua infância, suas raízes e as questões ligadas à raça e ao gênero. Trata-se da história da personagem entrecortada pela história de seu cabelo.

Gostaria de reforçar a importância de se discutirem os temas como racismo, identidade negra e diversidade durante a infância, porque esse é o momento em que a criança chega à escola e, possivelmente, é a primeira vez que ela tem contato com crianças de outras etnias (FIGUEIREDO; PEREIRA, 2006, p. 83), assim, acredito que o livro *Cabelo ruim?* possa auxiliar nesse processo.

A seguir, sugiro atividades de Pré-leitura, Leitura e Pós-Leitura, tendo o cuidado de orientar o trabalho com a Língua Portuguesa, com a Literatura, bem como com as questões que envolvem o racismo. Nas atividades de Pré-Leitura, você irá trabalhar com as palavras, mas também com o imaginário dos alunos sobre as personagens de um livro. Na atividade de Leitura, vai estimular os alunos a lerem o livro com você, mas também com seus pais, parentes e irmãos. Além disso, irá aprofundar o trabalho com o mundo das palavras, principalmente os adjetivos, usando-os para mostrar como ajudam na construção da personagem, mas também para desconstruir a imagem do que é um “cabelo ruim”. Por fim, na atividade de Pós-leitura os alunos irão produzir seus próprios livros e suas próprias personagens, colocando-se como protagonistas ou então valorizando o outro como protagonista.

Espero que você goste de tudo e bom trabalho!

1. PRÉ-LEITURA

As atividades de pré-leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para o ciclo de 3º a 5º ano do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP02, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP11, EF15LP15, EF15LP18, EF35LP05, EF35LP12, EF03LP02, EF04LP02, EF04LP03, EF05LP02, EF03LP09, EF05LP08.

Imagine as personagens

Essa primeira atividade tem por objetivo adiantar as expectativas dos alunos com relação às personagens e às situações que eles vão encontrar no livro através da prática do desenho. O desenho é muito importante em sala de aula, mesmo quando os alunos são um pouco mais velhos, não só porque eles gostam de desenhar e pintar, mas também porque desenvolve as habilidades artísticas e mostra o que eles pensam sobre a realidade, suas emoções, seus sentimentos e seu conhecimento sobre o outro e sobre si mesmo. Assim, através do desenho, é possível perceber qual a noção que os alunos têm sobre o que é um personagem, além de verificar se eles acham possível haver um protagonista negro, confirmando ou não as pesquisas que citei na “Carta ao professor”.

Nessa etapa, organize a sala de modo que tenha quatro mesas juntas, com quatro alunos, para que eles possam dividir o material artístico. Distribua para eles papel sulfite, lápis, borracha, lápis de cor, canetinhas, etc. Se você puder, leve também materiais alternativos, como cola, lã, tinta guache, pincel, tecidos de várias cores, papel crepom, papel de seda, macarrão, espirais de plástico, elásticos de cabelo bem fininho (são baratos, têm várias cores e parecem cabelos encaracolados quando juntos), entre outros. Como você deve ter percebido, os alunos devem ser estimulados a produzir os cabelos, a cor da pele e o modo de se vestir das personagens do livro.

Em seguida, explique que eles terão que imaginar as personagens do próximo livro que vocês vão ler. Não diga o nome do livro para não quebrar as expectativas, pois sabe-se que ainda existem pessoas racistas que usam a expressão “cabelo ruim” e eles podem ter tido acesso a isso, adiantando, dessa maneira, o assunto do livro. E não é isso que se quer agora.

Diga que as personagens do livro são Tatá, Bia e Ritinha, elas têm mais ou menos a mesma idade dos alunos e estudam em uma escola como a deles. Ali, naquele lugar, as três meninas construíram uma grande amizade, porque algo de diferente, fora da ordem, aconteceu com elas e provocou uma mudança em suas vidas. Peça que eles

imaginem como são Tatá, Bia e Ritinha e desenhem cada uma delas, como são seus corpos, seus cabelos, seus sorrisos, o modo como elas se vestem, se penteiam, que adereços usam, etc. Eles devem desenhar, pintar e decorar seus personagens como quiserem, deixando a imaginação voar.

No fim da atividade, peça aos alunos (aqueles que quiserem) que mostrem seus desenhos para a sala e digam o porquê de terem desenhado as meninas daquele jeito. Além disso, pergunte a eles o que acham que vai acontecer com elas e como elas resolverão a situação em que estão envolvidas. Questione-os sobre o que esperam da história, que seja divertida, triste, cheia de aventuras, etc.

Nessa atividade, você irá perceber não só as expectativas dos alunos sobre a história, mas também o imaginário que cerca a questão étnico-racial deles. Portanto, nesse momento, deixe-os livres, tente não os influenciar, para que assim o livro *Cabelo ruim?* talvez quebre as expectativas de como deve ser uma personagem, e ao mesmo tempo provoque a ruptura das amarras do racismo que possam estar prendendo seus alunos.

Cruzadas dos Cabelos

Agora, será usada a Língua Portuguesa para apresentar alguns elementos do livro *Cabelo ruim?* de maneira divertida, usando uma cruzadinha! Nela, aparecerão algumas palavras relacionadas ao livro, assim como algumas definições de palavras, alguns elementos de suas classificações, de suas formações e flexões de grau, a fim de apresentar a história estudando e brincando.

Para tanto, serão apresentados alguns termos que aparecerão na cruzadinha, pois, caso você tenha alguma dificuldade, poderá consultar este material a qualquer momento:¹

Apelido: substantivo masculino. Nome de família, sobrenome. Designação particular de certas pessoas ou de certos grupos. Ex.: Marquinhos é o apelido de Marcos. Bia é o apelido de Beatriz.

Adjetivo: é a palavra variável que modifica substantivos, atribuindo uma característica aos seres nomeados por eles. Ex.: pessoa **feliz** (feliz é um adjetivo), calça **azul** (azul é adjetivo), criança **contente** (contente é adjetivo).

Aumentativo e diminutivo: o grau aumentativo exprime um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal. Ex.: cavalo – cavalão, casa - casarão, menino – menino. Já o grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído. Ex.: lugar – lugarejo, livro – livrinho, enrolado – enroladinho.

¹ Todas as definições foram retiradas dos livros de Faraco & Moura (1998) e de Domingos Paschoal Cegalla (2008) que constam nas referências.

Singular e plural: o singular indica um ser ou um grupo de seres. Ex.: mulher – mulheres, peixe – peixes. O plural indica mais de um ser ou grupo de seres. Ex: homem – homens, pássaro – pássaros.

Sinônimo e antônimo: sinônimos são as palavras de sentido igual ou aproximado. Ex.: casa, morada, moradia, habitação. Antônimos são palavras de significação opostas. Ex.: bom X mau, ocupar X desocupar, feliz X triste.

Substantivos e substantivos próprios: substantivos são as palavras que servem para nomear as coisas. Ex.: casa, menino, cachorro, Paraguai, Ubatuba, amor. Substantivos próprios são aqueles que nomeiam um ser em particular ou seres em particular. Ex.: João, Manuela, Mato Grosso, Portugal, Angola, Cabo das Tormentas.

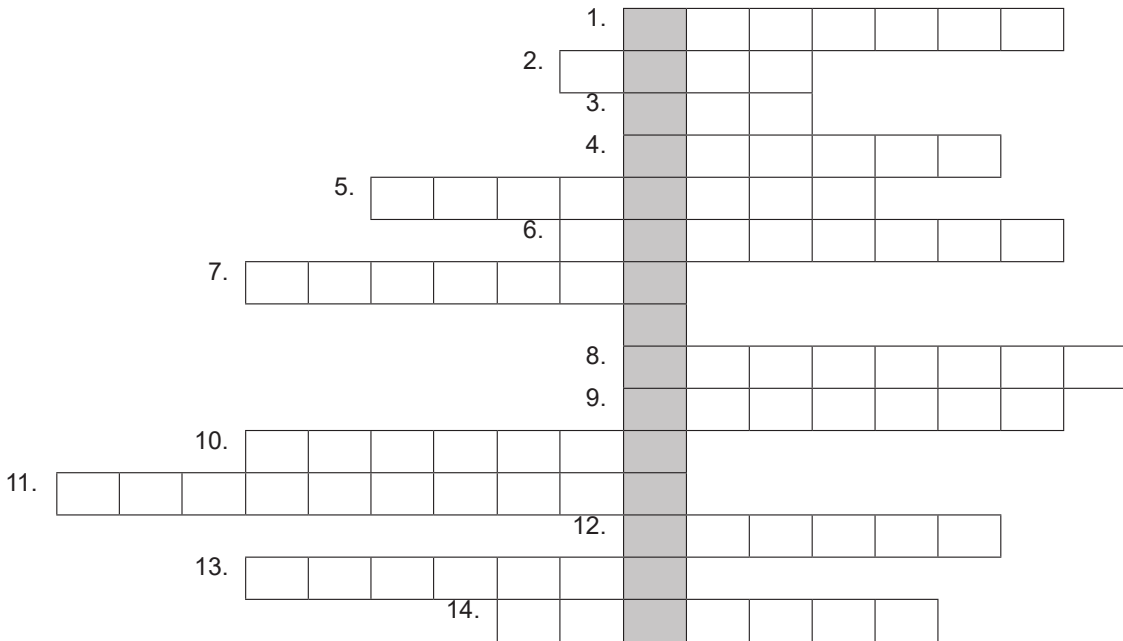
Para trabalhar com seus alunos, você não precisa ensinar ou retomar esses conceitos com eles, apenas os explique brevemente, se houver alguma dúvida ou caso realmente eles não tenham aprendido em anos anteriores.

Imprima as cruzadinhas, que estarão no fim dessa atividade: uma com respostas preenchidas, para que você use de guia caso tenha alguma dúvida, outra sem as repostas, que será impressa e entregue aos alunos. Distribua aos seus alunos as folhas e explique que a cruzadinha terá palavras associadas ao livro que vocês lerão (ainda não diga o título do livro) e que eles devem lembrar alguns termos da Língua Portuguesa para preenchê-la. Deixe dicionários e gramáticas espalhados pela sala, pois se os alunos tiverem dúvidas poderão consultá-los. Você também pode esclarecer essas dúvidas, mas seria interessante que eles pudessem ter contato com esses livros que os acompanharão por toda a vida escolar e até por toda a vida. Permita que os alunos se auxiliem, visto que alguns deles podem ter dificuldades em brincar com cruzadinhas, e é na interação com o outro que se aprende melhor, seja o conteúdo escolar ou o conteúdo da vida, neste caso, as questões étnico-raciais.

Antes de deixar que eles preencham a cruzadinha, diga que as palavras que fazem parte dela irão formar outras duas, que estão no centro da cruzadinha e são palavras-chave sobre o tema do livro. São as palavras CABELOS CRESPOS. Permita que façam o exercício.

Após o trabalho, pergunte se eles gostaram da atividade e o que eles esperam do livro a partir de agora. Questione-os também se preencher a cruzadinha mudou as suas expectativas sobre Bia, Tatá e Ritinha e sobre o que acontecerá na história. Anote as repostas para que você possa comparar as impressões dos estudantes sobre o racismo, sobre as personagens e sobre si mesmos ao fim do processo de Leitura e Pós-Leitura.

Preencha a cruzadinha e descubra as palavras mais importantes do livro que vamos ler:



1. Pelos que saem da cabeça. Podem ser curtos, compridos, enrolados, lisos, loiros, pretos e castanhos
2. Apelido que se dá a quem se chama Natália
3. Apelido que se dá a quem se chama Beatriz
4. Lugar onde a gente estuda e conhece outras pessoas
5. Cabelo que parece uma molinha, que é encaracolado
6. Sinônimo de longo. Um cabelo quando é longo, ele é...
7. Plural de menina
8. Uma das cores dos cabelos e dos olhos
9. Diminutivo do nome próprio Rita
10. Sentimento de quando as pessoas são amigas. Elas têm uma...
11. Antônimo da palavra "iguais"
12. Objeto que a gente usa para pentear os cabelos. Se usados com muita força, pode doer muito
13. Discriminação com as pessoas que são de outra cor, normalmente praticadas por alguém que é diferente da gente
14. Característica de quem ri muito. Ela é uma pessoa muito...

- O que vocês acharam das três personagens? Elas se vestem bem, têm belos cabelos, seus adereços são legais? (Lembre-se que, nesse momento, existe a chance de aparecerem atitudes e palavras racistas por parte dos alunos. Aproveite para começara educá-los, dizendo que isso não é um comportamento adequado e que todos têm sua beleza e devem ser respeitados em sua individualidade).
- As expectativas que vocês tinham sobre as personagens se confirmaram ou não? Elas são diferentes ou iguais ao que você tinha imaginado e desenhado? (Nesse momento, se os alunos tiverem desenhado em sua maioria personagens brancas, fale que todos podem ser personagens ou protagonistas de um livro, independentemente de sua etnia, de sua cor, de seu credo ou de seu gênero. Se houver alunos que tenham desenhado personagens negras, é importante também destacá-las).
- As meninas se modificaram conforme as ilustrações foram passando. O que vocês acham que aconteceu?
- O que será que significa o título *Cabelo ruim*? Do que será que esse livro trata?

Termine a aula questionando-os se existe mesmo “cabelo ruim”, se eles já tinham ouvido essa expressão e por que motivo as pessoas a usam. É importante terminar com essa questão porque ela será essencial para a leitura do livro.

2. LEITURA

As atividades de leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para o ciclo de 3º a 5º ano do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP02, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP11, EF15LP15, EF15LP18, EF35LP01, EF35LP03, EF35LP04, EF35LP05, EF35LP06, EF35LP12, EF05LP02, EF03LP09, EF05LP24, EF35LP18, EF35LP21, EF35LP22, EF35LP26, EF04LP25, EF35LP29.

Para a atividade de leitura, os capítulos do livro serão divididos em quatro partes e para cada uma delas serão sugeridos modos de ler e atividades diferentes. Na primeira delas, serão trabalhadas as características dos personagens. Na segunda, será discutido como a questão étnico-racial é colocada no livro. Na terceira parte, será trabalhada a reflexão que as meninas fazem com relação aos seus cabelos,

ao preconceito que sofrem, tanto em família como em sociedade, assim como a presença de negros em posição de destaque na sociedade. Na quarta e última parte do processo de leitura, será discutido como as personagens Tatá, Bia e Ritinha resolveram a questão do cabelo e a do racismo que sofriam.

Para que as crianças conheçam o conteúdo do livro, é interessante inicialmente que seja feita uma leitura linear, com quase nenhuma interrupção. *Cabelo ruim?* tem um narrador muito agradável e de linguagem bem clara. Então, você pode ler o livro para os alunos, como um contador de histórias, ou permitir que eles leiam em casa, sozinhos ou com os pais, irmãos, avós, tios ou algum cuidador. No entanto, gostaria de ressaltar que essa primeira leitura linear é necessária porque, além de conhecer a história, é nela que o aluno vai ter a diversão, a emoção, o impacto que a Literatura pode causar.

Após essa primeira leitura, você pode realizar cada etapa sugerida aqui. Acredito que, na fase da leitura, a sala pode ser organizada a seu critério, mas colocá-la em ferradura vai facilitar a visualização do aluno ao livro, a você e aos outros colegas, principalmente porque será proposta uma leitura dialogada, na qual você questiona os alunos sobre elementos do livro, a fim de garantir uma maior interpretação de texto. Além disso, é interessante que você permita que os alunos leiam alguns trechos do livro para a sala toda, em voz alta, pois assim aumentam sua capacidade leitora. Outras orientações serão dadas conforme avança em cada etapa.

1ª etapa: Leitura dos capítulos “Conhecendo as meninas” e “O cabelo das meninas”

Nessa fase, a ênfase será no processo de leitura e interpretação de texto, tentando manter uma interação constante entre você, seu aluno e o texto, fazendo com que eles compreendam os sentidos que traz o texto de Neusa Baptista Pinto. O enfoque principal será nas personagens, nas suas características físicas, ou seja, qual a cor de seus cabelos, de sua pele, as roupas que vestem, os adornos que usam, etc., assim como as suas características psicológicas, como: se gostam de estudar, se são vaidosas ou não, se são bravas, espertas, descoladas, etc.

Tente não colocar rótulos nas personagens, mas mostrar como são construídas em suas peculiaridades, pois aí é que está a beleza do livro: as três meninas são lindas, cada uma do seu jeitinho, assim como nossas crianças. Inicialmente, você explicará o que é personagem e fará uma breve análise de Tatá, Bia e Ritinha, para facilitar seu trabalho.

Afinal de contas, o que é uma personagem? As personagens são as pessoas que vivem as histórias, que vivem as situações e problemáticas que aparecem na narrativa ou apenas aquelas que as presenciam (REIS, 2018, p. 388-389). Para as primeiras dá-se o nome de *principais*, enquanto as segundas são chamadas de secundárias. As personagens aparecem na narração através de suas características físicas e psicológicas, como destacado acima e através de suas ações. Dessa maneira, pode-se dizer que as três protagonistas de *Cabelo ruim?* são Tatá, Bia e Ritinha, e é com elas que se irá trabalhar em quase toda atividade de leitura. Por isso, veja a descrição de cada uma delas e faça uma breve análise. Comece por Tatá:

Tatá é magrela e tem a pele escura. Dá para ver que Tatá é um apelido, né? O nome verdadeiro dela é Natália. Ela é tão alta, que nem parece ter só sete anos. Dizem que parece uma modelo. Usa sandália de dedo, é quietinha e muito risonha. Vai para o colégio de uniforme, diz que nem liga, que só se arruma para passear no shopping. É a mais inteligente da turma, sabe ler textos longos, e acerta todas aquelas continhas de subtração, divisão, adição e multiplicação. Tem uma família enorme, um monte de tios, tias e primos. Cada dia é um que vai buscá-la na escola (PINTO, 2020, p. 7).

O [cabelo] da Tatá é preto, cortado curtinho e enfeitado com uma tiara. A mãe dela faz as tiaras pra vender: bota umas bolinhas coloridas, laço de cetim e brilho. Tatá usa uma tiara diferente a cada dia. Diz que nem se importa com o jeito do cabelo. Pula, brinca, sobe e desce escada, sobe e desce muro, joga queimada... E o cabelo do mesmo jeito (PINTO, 2020, p. 9).

Pode-se ver nos trechos que Tatá é uma menina negra, alta, muito bonita e bastante simples no jeito de se vestir. O seu cabelo é curto e, ainda que não seja muito vaidosa, ela o enfeita com tiaras feitas pela mãe, o que indicaria a preocupação da menina com seus cabelos, tema principal do livro. Ela também é muito alegre e brincalhona, inteligente e esperta, o que é dado por sua capacidade de leitura e por já saber as quatro operações, a menina se caracterizará como a pessoa que desencadeia as reflexões sobre racismo e identidade no grupo de meninas.

Fale agora de Bia:

Bia tem a pele assim, cor de canela, é gordinha e muuuuuito vaidosa. Chega sempre na hora na escola. Como o uso do uniforme não é obrigatório, ela vai toda empetecada: de vestido colorido, sapatos coloridos, pulseirinhas e brincos coloridos. Anda sempre com um saquinho de balas de goma no bolso, que ela

não divide com ninguém. Tem a bochecha tão redondinha, que parece uma almofadinha e está sempre cheirosa. Em suas tarefas, faz desenhos ou aplica adesivinhos com cheirinho de chiclete (PINTO, 2020, p. 7).

O cabelo da Bia é vermelho cor de fogo, é comprido até o ombro e anda sempre amarrado para trás. Ela passa um creminho cheiroso que só... Até leva para a escola, mas não empresta a ninguém. Na hora do recreio, lá vai a Bia ao banheiro molhar o cabelo e botar creminho. Diz que é pra hidratar... Depois, se dá tempo, ela brinca um pouco (PINTO, 2020, p. 9).

Bia também é negra, mas tem a pele mais clara, os cabelos longos e vermelhos e é gordinha. É bastante vaidosa, o que pode ser visto não só pelas palavras da narradora, mas também pelo jeito colorido e cheio de adornos com que se veste e pela preocupação com os cabelos. Esse último fato também tem a ver com a questão racial proposta no livro, porque é um índice da necessidade de se adaptar a um padrão de beleza branco. Essa preocupação chega a afetar as brincadeiras da menina. Ela também é muito caprichosa, o que se pode ver através de sua aplicação nas tarefas, e um pouco gulosa.

Agora o perfil de Ritinha:

A Ritinha, hummm.... não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, outros que é marrom bombom. Só sei que a pele dela é muito bonita, sem mancha nem nada. E é de uma cor assim... meio a meio, sabe? É isso aí. Ela tem os dentes beeeem brancos e gosta de usar óculos o tempo todo. Diz que foi o doutor que mandou. Não é gorda nem magra e geralmente anda de tênis e calça azul. É a única da sala que já usa batom e diz que tem até tatuagem, mas ninguém ainda viu. Não leva desaforo para casa, principalmente dos meninos que riem dela. Só se senta no fundo e é a única da sala que volta para casa sozinha (PINTO, 2020, p. 7–8).

O cabelo da Ritinha é castanho e ela tem umas trancinhas caídas para baixo, até o ombro. No dia em que a mãe faz suas tranças, elas ficam tão brilhantes que parecem um raio de luz. Na ponta de cada trança, às vezes, a mãe dela coloca uma bolinha ou fitinha colorida (PINTO, 2020, p. 9).

Ainda que a narradora coloque em dúvida a cor de Ritinha, que chama de “marrom bombom”, ela ainda é negra, como a professora vai afirmar ao final do livro. No entanto, tem a pele mais clara das três meninas, seus cabelos são castanhos e ela os usa em tranças, com bolinhas e fitinhas na ponta, colocadas por sua mãe. É

interessante notar que esse modo de arrumar o cabelo, além do traço de vaidade, pode ser lido por dois vieses: um deles diz respeito à necessidade de adequação ao padrão branco, pois seria uma forma de esconder o cabelo dos outros, mas, ao mesmo tempo, refere-se à afirmação da identidade como mulher negra, pois o cabelo em trança é bastante comum entre elas, assim como o modo como os enfeitam.

Portanto, essas tranças podem ser lidas como um reforço positivo da identidade da menina. Ela é de um típico físico considerado “adequado” para os padrões sociais e usa óculos. Ela pode ser chamada de “descolada”, pois, além do modo moderno de se vestir, ela usa batom, o que pode ser considerado avançado para uma menina da sua idade. Inclusive, falam que ela tem uma tatuagem, o que reforçaria essa imagem. Por fim, vê-se que a personagem tem uma personalidade forte e independente, enfrentando os problemas de frente.

Após essa breve análise, vai começar a atividade efetivamente. Distribua os livros ou se coloque em frente da sala de aula com o seu exemplar. Leia pausadamente os capítulos “Conhecendo as meninas” e “O cabelo das meninas”. Você pode alternar com os alunos: ora você lê, ora eles leem. Tente não os corrigir no momento imediato ao tropeço de leitura. Espere que terminem o parágrafo para fazê-lo, permitindo assim a fluidez da leitura e a recepção do conteúdo.

Direcione o olhar dos alunos para as características físicas e psicológicas de Tatá, Bia e Ritinha. Pergunte como elas são, como se vestem, qual é a cor de suas peles e de seus cabelos, bem como quais são as diferenças entre elas. Pergunte como elas são psicologicamente: se são vaidosas, se gostam de estudar, de brincar, etc.

Por fim, quanto a esses capítulos, pergunte aos alunos sobre como eles acham que é a relação das meninas com os cabelos. É boa, é ruim? Elas deixam os cabelos naturais ou fazem alguma coisa para adaptar suas características. Pergunte se eles acham isso positivo ou negativo. Se você achar pertinente, pergunte aos alunos como é a sua própria relação com o cabelo.

***2ª etapa: “Como nasceu a amizade da meninas”,
“Não entendi” e “O problema está dentro da cabeça”***

Nessa segunda etapa, é importante discutir com mais vagar a questão do racismo e como ela atinge a autoestima das crianças negras. Para isso, comece com o capítulo intitulado “Como nasceu a amizade das meninas” e ressalte as atitudes racistas de um dos meninos da sala que as meninas frequentam, bem como o sentimento ruim que isso causa a elas. Retome as ilustrações e o texto, mostrando o ambiente em que

as meninas estão, as situações que acontecem e as reações de todos. Interrompa a leitura, principalmente no momento em que acontece o ato de racismo e mostre como a atitude não é legal, porque causa tristeza.

Após a leitura, retome alguns pontos. Questione o motivo pelo qual as meninas se conheceram e por que se identificaram com a dor de Tatá. O que eles próprios sentiram quando leram a situação? Além disso, analise junto com eles o modo como Tatá e as meninas reagiram e como eles reagiriam no lugar delas.

A seguir, leia os capítulos “Não entendi” e “O problema está na cabeça”, seguindo o mesmo esquema. Faça uma leitura dialogada, destacando a dualidade que envolve o problema racial e que está presente no livro, transmitida através da ideia de que “o problema está na cabeça”.

O primeiro sentido diz respeito ao processo de socialização da criança não negra que aprende o racismo e o reforça, que no texto aparece através do menino que ofende Tatá e do questionamento de Ritinha, que acredita que aquilo que está na cabeça é loucura, como se a pessoa que fosse racista fosse louca. O segundo sentido se refere à socialização das crianças negras que internalizam a negatividade que algumas pessoas têm sobre seus traços raciais e sentem vergonha de si mesmas, mostrado no livro pelas revelações das meninas sobre quererem mudar seus cabelos.

Portanto, no trabalho de leitura, destaque os elementos elencados acima e como eles aparecem. Converse com os alunos sobre o significado da frase “O problema está dentro da cabeça”. O que Tatá quer dizer com isso? Será que o menino está mesmo doido ou ele foi ensinado a ser racista? Pergunte se eles consideram a vontade das meninas de modificar o cabelo como correta. Mostre aos alunos que não é normal sentir vergonha de nenhuma característica física, muito menos do cabelo, porque eles trazem marcas das nossas raízes, da história da nossa família, de nossos ancestrais, de nossa identidade. Faça com que eles cheguem à conclusão de que o racismo é ruim, porque faz mal para a sociedade e para a autoestima das crianças, como no caso das meninas do livro.

Retome o conceito de racismo encontrado no texto “Lápis ‘cor da pele’, quem tem? Descrevendo experiências em relações raciais com crianças na educação infantil”:

São estereótipos, signos, símbolos mobilizados ao acaso das situações elaboradas ao longo de anos que se mascaram, aparecem, dissimulam, desenvolvendo imaginários e concepções sobre o negro baseado no corpo negro como uma marca, um estigma. Esses valores etnocêntricos e universalistas se manifestam a partir de

formulações discursivas e são transmitidos por gerações e gerações por meio das mídias, da indústria cultural e envolvem, inclusive, os sistemas de ensino (PINHO *et al.*, 2017, p. 128).

Não precisa ler essa citação para os alunos, mas tente explicar que o racismo é uma prática social de depreciação de grupos com origens étnicas diferentes, baseada em pretensas características biológicas, por parte dos grupos dominantes, no caso, os brancos. Lembre-os que o racismo é ruim e é crime, porque oprime as pessoas por suas características físicas, como cor da pele e do cabelo, é uma atitude violenta que abala a autoestima das pessoas ofendidas, causa também tristeza, dor, invisibilidade, revolta, etc., podendo inclusive causar a morte.

Reitere que esse processo só poderá ser subvertido quando tratarem todos de maneira igual e através da valorização daquilo que se tem de bonito e diferente, como acontece em *Cabelo ruim?*

Ao fim da aula, retome a lista de “coisas ruins” da página 16 do livro e a estenda com os alunos. Diga para eles procurarem coisas que são ruins e ressalte que elas não são e nem devem ter nada a ver com os cabelos. Anote na lousa e peça para que copiem no caderno.

3ª etapa: “As bonecas de Ritinha”, “Uma mulher negra na TV” e “Tatá e o cabelo crespo”

Nesta etapa, escolha três meninas da sala para lerem cada capítulo. Diga que será uma espécie de dramatização, pois, quando lerem, cada uma delas será Ritinha, Bia ou Tatá. Como é uma dramatização, permita que elas leiam os capítulos inteiros, sem interrupções e corrija os problemas de leitura apenas ao fim dos capítulos.

Primeiramente, faça a leitura do capítulo “As bonecas de Ritinha” e, após a leitura, pergunte ao alunos como as bonecas de Ritinha são. Questione-os sobre o porquê de essas bonecas serem loiras e de cabelos lisos. Explique que as bonecas são feitas para educar e por isso costumam transmitir os valores que a sociedade deseja passar, como se só os valores brancos fossem bons, e isso não é justo, porque a criança negra tem que ver seus valores de forma positiva também, assim como deve se identificar com os objetos que brincam.

Pergunte se algum deles já teve bonecos de ação ou bonecas que eram negras ou tinham cabelos crespos. Peça que falem sobre como seria a sua boneca ou boneco ideal: como ela seria, como ele seria? Teria cabelos negros, enrolados, loiros, lisos, curtos? Seriam loiros, negros, japoneses, índios, etc.? Quais coisas saberiam fazer?

Se você quiser pode solicitar para que eles desenhem os bonecos ideais em casa e, quando chegarem à sala de aula, pendure os desenhos.

Peça à próxima menina para que leia o capítulo “Uma mulher negra na TV”. Repita o mesmo processo do capítulo anterior, levando os alunos a questionarem sobre o motivo de a maioria das pessoas na TV e na internet serem brancas. Explique que antigamente quase não existiam pessoas negras, principalmente as com cabelos crespos, na TV e, quando apareciam, era na posição de escravos ou de empregados. Quase não havia negros na posição de jornalistas, advogados, escritores, cantores (a não ser os de samba), modelos, atores, apresentadores, etc. Mostre que graças à reivindicação das pessoas, através do Movimento Negro e das redes sociais, essa situação tem mudado, e hoje existem mais pessoas negras do que antes em posição de destaque, mas poderia ser um pouco melhor, tendo em vista que mais da metade da população brasileira é negra.

Pergunte a eles se se lembram de algum personagem de desenho, filme ou novela que seja negro ou tenha cabelo crespo e vá escrevendo seus nomes na lousa conforme eles falam. Peça que falem também os nomes de algumas personalidades da TV ou da internet que tenham cabelos afro ou sejam negras. Aqui vão alguns nomes para você poder ajudá-los: Maju Coutinho, Thiago Oliveira, Glória Maria, Abel Neto, Heraldo Pereira, Marcos Bonfim, Zileide Silva, Lázaro Ramos, Taís Araújo, Sharon Menezes, Jéssica Ellen, Leandro Roque de Oliveira (Emicida), Ruth de Souza, Ailton Graça, Camila Pitanga, David Junior, Érico Brás, Ludmilla, Sandra de Sá, Péricles, Mumuzinho, Alexandre Pires, Elza Soares, Mc Soffia, Karol Konká, Pretinhas Leitoras (Helena e Eduarda Ferreira, youtubers), Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Kiusam de Oliveira, Djamilia Ribeiro, Daiane dos Santos, Rebeca Andrade, Izaquias Queiroz, Pelé, Neymar, Fofão, Lucarelli, entre outros. Dos desenhos animados, temos Supershock, Lanterna Verde, Tiana (A princesa e o sapo), Moana, Alex (Três espíãs demais), Doutora Brinquedos, Greg (O mundo de Greg), Manu (S.O.S. Fada Manu), Tip (Cada um na sua casa), Homem-aranha do Aranhaverso, etc.

Questione aos alunos, principalmente os negros, se eles se sentem representados por essas pessoas ou personagens e qual o sentimento que têm ao vê-los em ação. Solicite que escolham uma delas e escrevam um pequeno texto, dizendo quem ele é, o que ele faz, qual a sua história de vida, como é a sua aparência, quais são as suas habilidades, etc. Você pode levar seus alunos ao laboratório de informática para procurar mais informações sobre as pessoas ou as personagens, ou ainda, pode pedir que eles façam a pesquisa em casa, com a ajuda de seus pais, irmãos, avós, tios, parentes ou cuidadores.

Você pode pedir que eles coloquem fotos ou desenhem a personagem, se quiserem. Deixe a imaginação mandar. Ao fim da tarefa, você pode solicitar que os alunos exponham o seu trabalho em frente à sala ou ainda podem expô-los na feira anual que algumas escolas têm.

Peça à terceira menina que leia o capítulo “Tatá e os cabelos crespos”. Repita o mesmo processo dos outros capítulos, sem a interromper e corrigindo-a após os parágrafos completos. Não se esqueça de chamar a atenção dos alunos sobre o fato de que a condição financeira e familiar de Tatá dificulta o cuidado com os cabelos, mas o estudo faz com que ela reflita sobre a situação e possa modificá-la. Mostre aos alunos que é só após perceber que o seu cabelo é crespo, e não ruim, que ela e as meninas passam a valorizar os cabelos e a cuidarem de si mesmas, com a ajuda uma das outras.

4ª etapa: “A amizade cresce e o cabelo aparece” e “Nem bom, nem ruim. Só diferente”

Nesta etapa, retome a leitura dialogada com seus alunos. Leia pausadamente em voz alta ou peça que eles leiam. Interrompa a leitura sempre que necessário para mostrar características importantes dos capítulos, mas somente quando a frase ou o parágrafo estiver terminado. No primeiro capítulo, ressalte a amizade das meninas, perguntando o que elas fazem juntas. Mostre como se modificaram cuidando do cabelo, uma com o auxílio da outra. Pergunte o que fizeram no cabelo de Tatá, Ritinha e Bia.

Questione os alunos sobre a reação dos colegas com o cabelo das meninas, assim como a da professora. Pergunte como as meninas se sentiram nessa nova atitude de racismo do menino, colega de sala. Será que elas tiveram a atitude correta? Pergunte por que motivo elas tiveram uma atitude tão positiva. Ressalte que elas só agiram assim porque conseguiram colocar na própria cabeça que os cabelos delas eram bonitos e que a atitude do menino é que estava errada.

Quanto ao último capítulo, pergunte sobre como as meninas estão agora. Por quais modificações elas passaram? Tatá está menos ou mais tímida? Ritinha continua briguenta ou aprendeu a ser mais tranquila e explicar as coisas? Bia está mais feliz com seu cabelo? Como elas eram antes, no começo do livro, e como são agora? Por que motivo elas sentem uma felicidade ao pensar na frase de Bia: “Meu cabelo não é bom, nem ruim. Só diferente”. Lembre-se de destacar que essas mudanças só aconteceram porque as meninas se aceitaram como eram, entenderam que são pessoas bonitas em sua especificidade e que merecem respeito. Isso aumentou sua

autoestima e deu mais confiança para assumirem seus cabelos e, principalmente, o modo como são.

Para finalizar esta etapa, termine de maneira lúdica. Faça uma brincadeira com as palavras. Peça que os alunos, por dez minutos, procurem palavras referentes a cabelos em dicionários, livros, internet, etc. Depois disso, organize a sala em roda e comece a brincadeira. Comece com a frase “Meu cabelo não é ruim, ele é _____. O da _____ é!”. As lacunas deverão ser preenchidas por um adjetivo referente a cabelo e com o nome de uma criança da sala, respectivamente. Essa criança repetirá a frase, somando um adjetivo ao anterior e jogando a frase para outra criança, que fará a mesma coisa e assim sucessivamente. A criança que errar a ordem das palavras, não conseguir falar um adjetivo novo ou disser alguma coisa pejorativa ou racista fica fora da brincadeira. A brincadeira recomeça a cada vez que um sai e os adjetivos poderão ser repetidos na nova rodada. A criança que ficar por último é a vencedora.

Eis um exemplo. Você começa:

Professor: - O meu cabelo não é ruim, ele é diferente! O da Joana é!

Joana: - O meu cabelo não é ruim, ele é diferente e enrolado! O do Marcos é!

Marcos: - O meu cabelo não é ruim, ele é diferente, enrolado e bonito! O do Eduardo é!

E assim a brincadeira segue...

Essa brincadeira pode ser adaptada para outras palavras, frases e outros livros.

3. PÓS-LEITURA

As atividades de pós-leitura a seguir contemplam as seguintes habilidades do componente de Língua Portuguesa para o ciclo de 3º a 5º ano do Ensino Fundamental, estabelecidas pela BNCC: EF15LP02, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP11, EF15LP15, EF15LP18, EF35LP01, EF35LP04, EF35LP07, EF35LP08, EF35LP09, EF05LP11, EF03LP17, EF35LP17, EF35LP20, EF05LP26, EF05LP27, EF35LP21, EF35LP25, EF35LP26, EF35LP29, EF35LP30.

Superando o racismo e valorizando a identidade

Nesta atividade você vai trabalhar com as habilidades de escrita e artísticas dos alunos, assim como com os conhecimentos que adquiriram durante a leitura de *Cabelo ruim?* Eles vão fazer um livrinho, cujo tema será a superação do racismo e

a valorização da identidade. A história do aluno poderá ser sobre si mesmo, sobre alguém que conhece ou conheceu, sobre alguma personalidade importante de que ele goste ou, ainda, inventar um personagem fictício. A narrativa poderá ter como tema central os cabelos, a cor da pele, alguma situação de discriminação ou outro tema ligado à identidade, como a relação que as pessoas da família têm com a origem africana, o conhecimento do aluno sobre as religiões afro-brasileiras ou sobre a História da África.

É necessário que a experiência do afro-brasileiro esteja presente nessa narrativa, visto que é um momento em que a criança negra afirmará sua identidade e as crianças de outra etnia poderão resgatar a empatia. Praticar o exercício da empatia, ou seja, tentar colocar-se no lugar do outro, é um bom modo de aprender a não discriminar ninguém.

Assim, comece a atividade com um elemento motivador. Sugiro três elementos. Você pode escolher um dos três ou usar todos.

O primeiro deles é o curta norte-americano *Hair Love*. Ele narra as aventuras de um pai que vai pentear a filha pela primeira vez para uma ocasião especial. O filme é bastante interessante e singelo, porque mostra como o cabelo da menina estreita laços entre pai e filha, mas também resgata aqueles que ela tem com a mãe, que teve a cabeça raspada em virtude de um câncer.

Nome: Hair Love

Duração: 6 min. (EUA)

Direção: Matthew A. Cherry, Everett Downing Jr. e Bruce W. Smith

Ano: 2019 Disponível no YouTube

A próxima sugestão de elemento de sensibilização para começar a atividade é a música “Menina Pretinha”², de Mc Soffia. Nela, a rapper afirma que não é apenas bonitinha ou exótica, mas que o seu cabelo a faz uma rainha, assim como suas origens africanas. Ela também reforça a importância de existirem bonecas negras, além de questionar o uso de chapinha e alisantes para o cabelo. Reforça que mesmo criança é resistência contra o racismo.

Por fim, coloque um trecho do prefácio do livro *O black power de Akim* (Kiusam de Oliveira), escrito por Emicida. O livro é muito interessante, pois narra a história de um menino que tem vergonha do cabelo e encontra na sua ancestralidade motivos para se orgulhar dele. Se você tiver tempo, também é um bom livro para trabalhar

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>

as questões raciais em sala de aula. Segue o trecho de Emicida, pois, além de ser muito emocionante, traz um novo modo de se encontrar as raízes, ou seja, através dos discos que seu pai tinha:

Nasci em um lugar e num tempo em que as pessoas não exaltavam cabelos crespos – estes eram alisados quando nas meninas e raspados quando nos meninos. Então, tínhamos poucas ou nenhuma imagem para admirar. Foi mexendo nos antigos discos de vinil do meu pai que encontrei aqueles cabelos crespos soltos, enormes, vibrantes, alguns com flores, todos altivos. E foi ali, graças às capas de discos antigos, que comecei a me encontrar, conhecer, fazer as pazes com meu cabelo. Cada vez que a ignorância do mundo insistia em tentar atacá-lo, eu recorria àquelas imagens. Elas eram como um oásis para mim. Me trazia todas as forças de volta (EMICIDA, 2020).

Após a atividade de sensibilização, avise aos alunos que terão que fazer um livrinho com as características destacadas acima. Diga que, primeiramente, eles vão escrever a história, que depois vocês irão corrigir os errinhos e incongruências que possam aparecer e, por fim, eles vão passar para a versão final, que terá formato de livro e será ilustrada. Ressalte que as atividades com o filme, a música ou texto serviram para inspirá-los sobre a questão da identidade, de como se valorizar e gostar de si mesmos, assim como sobre o enfrentamento do racismo.

Antes de iniciarem a construção do texto, os alunos devem ser lembrados dos elementos que deve conter uma narrativa. Você não irá explicar todos aqui, pois cada um deles foi esmiuçado quando falou de *Cabelo ruim?*, no paratexto que acompanha o livro do aluno. Portanto, se julgar que é necessário relembrar, leia aquele material para eles. Dessa maneira, pode relembrar os elementos da narrativa através das perguntas:

- **Personagens:** Quem vive a história, quem realiza as ações?
- **Narrador:** Quem está contando a história? É a própria personagem principal, é uma outra personagem que presencia a ação ou é alguém que não participa da história?
- **Espaço:** Onde a história acontece?
- **Tempo:** Quando a história acontece? Quanto tempo ela demora para acontecer?
- **Enredo:** O que acontece na história?
- **Começo, meio e fim:** O que acontece no começo da história? E no meio? O

que acontece no fim da história? Como os personagens resolvem os conflitos e problemas colocados durante a história?

A partir dessas informações, os seus alunos podem construir a história. Deixe-os livres para exercitar a imaginação e escrever o que desejarem. Apenas observe e corrija para que não reproduzam atitudes racistas ou discriminatórias como se fossem corretas, porque a ideia é justamente fazer com que elas parem de existir. Lembre a eles que a história não pode ser muito longa, porque ela tem que caber no espaço de um pequeno livro.

Tenha em mente que é bastante provável que eles reproduzam o enredo de *Cabelo ruim?* ou outra história conhecida, com outras personagens, em outros ambientes, em outros tempos, mas isso não é nem um pouco ruim. O exercício de recontagem é ótimo para exercitar não só a interpretação de texto, mas também a escrita, além de permitir que o aluno se aproprie dos conhecimentos trazidos nos livros. Então, não o desmereça se ele fizer isso.

Após os alunos escreverem suas histórias, leia-as com cada um deles e faça as correções necessárias. Verifique se não há grandes incongruências que prejudiquem a narrativa. Se houver, mostre que é necessário que a narrativa faça sentido. Não significa que não possa haver personagens mágicos, que o tempo da história seja místico ou que o espaço seja fabuloso, mas a história deve fazer sentido como um todo. Não faz sentido, por exemplo, uma personagem que começa a vida na África, mas veio para o Brasil sem haver nenhuma menção na história, por exemplo.

Por fim, vocês podem ir para o processo de confecção do livro. Assim, como no desenho que abriu estas atividades com *Cabelo ruim?*, agora vocês podem usar os desenhos e os materiais que a imaginação mandar. As personagens podem ter o cabelo curto, comprido, enrolado, anelado, liso. Elas podem ter a pele bem escura como Tatá ou bem clara com a de Ritinha. Os alunos podem desenhar casas, florestas, montanhas. Tudo que a história pedir.

Use uma diversidade grande de materiais. Papel, lápis, borracha, lápis de cor, canetinha, tecido, glitter, guache, lã, macarrão, elásticos, espirais, papel crepom, de seda, papel craft. O que a imaginação mandar (e o dinheiro permitir). O computador pode ser usado, mas acredito que o trabalho à mão, além de ser mais bonito, aproxima o aluno do objeto e também do tema dele, ou seja, a superação do racismo e a valorização da identidade.

Esses trabalhos poderão ser lidos ou expostos na sala de aula. Você também

pode fazer uma exposição deles na feira anual que acontece em algumas escolas. Os seus alunos vão ficar orgulhosos e as outras pessoas poderão aprender mais sobre diversidade, identidade e amor a si próprio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira De. **Esse cabelo**. São Paulo: Leya Brasil, 2017.
- BARBOSA, Catarina. **Cor, gênero e classe: os desafios da mulher preta**. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/cor-genero-e-classe-os-desafios-da-mulher-preta>. Acesso em: 28 out. 2021.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. Brasília: MEC; SEALF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 30 out. 2021.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171–193.
- CARBONIERI, Divanize; LAVERDE, Sheila Dias da Silva. Entre laços, cachos e tranças: o empoderamento das meninas negras através da literatura. *Polifonia, [s. l.]*, v. 25, n. 39.1, p. 54–75, 2018.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Nova minigramática da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CENTENO, Gilmara Matos; ALMEIDA, Marinei; MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. Espelho, espelho meu, tenho cabelo ruim? Análise da representação do negro na Literatura Infantil em Mato Grosso. *Revista Facisa On-Line, [s. l.]*, v. 5, n. 2, p. 38–53, 2016.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- EMICIDA. Prefácio. *In: OLIVEIRA, Kiusam de (org.). O black power de Akim*. São Paulo: Editora de Cultura, 2020.
- FANON, Franz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARACO & MOURA. **Gramática**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FIGUEIREDO, Luciana Araújo; PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Educação, identidade e infância negra. **Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 22, p. 90, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 109–121, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 21, p. 40–51, 2002.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>.

LANNES, Marina Badaró; SOUZA, Marcia Aparecida De. Escola e identidades étnico-raciais: literatura infantil. **Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 77–83, 2018.

MARTINS, Roseli Figueiredo. **A identidade da menina negra: o mundo do faz de contas**. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

PINHO, Vilma Aparecida de; PARENTE, Francilene de Aguiar; MEDEIROS, Oberdan da Silva; CARVALHO, Elen Mayara Bezerra De. Lápis “cor da pele”, quem tem? Descrevendo experiências em relações raciais com crianças na educação infantil. **Revista Fórum Identidades**, [s. l.], v. 25, p. 123–142, 2017.

PINTO, Neusa Baptista. **Oficina encerra com debate acalorado sobre racismo**. 2011. Disponível em: <https://livrocabeloruim.wordpress.com/2011/09/29/oficina-encerra-com-caloroso-debate-sobre-racismo/>. Acesso em: 23 set. 2021.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim?** 5. ed. Cuiabá: Carline & Caniato Editorial, 2020.

QUEIROZ, Fernanda Roberta Rodrigues; BUZAN, Thales Nascimento. Os caminhos da Literatura Infantil escrita por mulheres. **Ipotesi**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 159–169, 2019.

RAIA, Ana Lúcia da Silva. **As meninas negras na literatura infantil sob a perspectiva de olhares plurais: o que dizem esses olhares?** 2020. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

RODRIGUES, Neuza Jorge; BEZERRA, Rosilda Alves. Cabelos crespos: o que a escola tem a ver com isso? **VI Enlije - Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino**, [s. l.], 2016.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. *In*: MUNANGA,

Kabengelê (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.